

Introdutores de orações infinitivas: o que diz a sintaxe dos clíticos

Catarina Magro

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Com infinitivo impessoal [...], a primeira impressão que se recebe da leitura atenta dos clássicos é a de uma verdadeira orgia de colocação.

Said Ali (1908: 37, § 91)

[a propósito da colocação de pronomes pessoais átonos em infinitivas preposicionadas]

0. Introdução

Este trabalho pretende ser uma reflexão sobre a natureza dos elementos introdutores de orações infinitivas tendo por base a observação do comportamento dos clíticos presentes nestas construções. Para o tratamento desta questão, tomo como objecto de estudo as orações infinitivas afirmativas preposicionadas, com infinitivo não-flexionado, cujo verbo se encontre associado a um clítico.

Na secção 1, começo por apresentar os dados do PE *standard* relativos a estas construções, fazendo uma breve referência à literatura sobre o tema; em seguida, descrevo e comento os resultados da pesquisa das mesmas construções num *corpus* de variedades não-*standard* do PE. Na secção 2, avanço uma proposta de análise para o tratamento dos aspectos observados. Na secção 3, como conclusão, sistematizo as principais questões identificadas assim como as respostas obtidas.

1. Infinitivas afirmativas preposicionadas como lugar de variação na colocação dos clíticos

1.1. O PE standard

1.1.1. Os dados

Ao contrário do que acontece noutras línguas românicas de Sujeito Nulo (como o Italiano, o Espanhol ou o Catalão), em que a distribuição dos padrões de colocação dos clíticos é essencialmente determinada pela oposição tempo finito/tempo não-finito, em

PE (tal como em Galego), ênclise e próclise são padrões de colocação disponíveis quer em domínios finitos, quer em domínios não-finitos.

Em domínios finitos ou em domínios não-finitos com infinitivo flexionado, ênclise e próclise encontram-se em distribuição complementar, sendo possível definir as configurações que determinam cada um dos dois tipos de colocação. No entanto, o mesmo não acontece nos domínios não-finitos com infinitivo não-flexionado. Neste caso, existem contextos em que só a ênclise é permitida e contextos em que próclise e ênclise se encontram, aparentemente, em variação livre. As orações infinitivas afirmativas preposicionadas admitem variação na colocação dos clíticos, como mostram os seguintes exemplos:

- | | |
|---|----------------------------------|
| (1) O João tem <u>de</u> entregar- lhe o relatório amanhã. | (<u>de</u> lhe entregar) |
| (2) O João acabou <u>por</u> resignar-se. | (<u>por</u> se resignar) |
| (3) O João pediu <u>para</u> levá- lo a casa. | (<u>para</u> o levar) |
| (4) O João pensou <u>em</u> convidar- me para jantar. | (<u>em</u> me convidar) |
| (5) O João agiu <u>sem</u> pedir- me opinião. | (<u>sem</u> me pedir) |

Esta dupla possibilidade de colocação dos clíticos é comum às orações introduzidas pela generalidade das preposições, constituindo, no entanto, uma excepção as orações introduzidas pela preposição *a*, nas quais a ênclise é a única opção gramatical:

- | | |
|---|---------------------------------|
| (6) O João tornou <u>a</u> convidar- me para jantar. | (*a me convidar) |
|---|---------------------------------|

A diferença de comportamento dos clíticos em orações introduzidas por *a* e em orações introduzidas pelas restantes preposições é independente da natureza da oração infinitiva. Ou seja, o cenário é exactamente o mesmo em infinitivas completivas e em infinitivas adverbiais: ênclise obrigatória com a preposição *a* e variação entre próclise e ênclise com outras preposições. Os exemplos (7) a (10) ilustram os diversos casos.

Note-se que, dentro do grupo das completivas, os contrastes se mantêm nos vários tipos de construção: Elevação de Sujeito (exs. (7)), Controlo de Sujeito (exs. (8)) e Controlo de Objecto (exs. (9)).

Completivas verbais

- | | |
|---|----------------------------------|
| (7) (a) O João tornou <u>a</u> convidar- me para jantar. | (*a me convidar) |
| (b) O João acabou <u>de</u> convidar- me para jantar. | (<u>de</u> me convidar) |
| (8) (a) O João aprendeu <u>a</u> fazer- lhe a vontade. | (*a lhe fazer) |
| (b) O João gosta <u>de</u> oferecer- lhe flores. | (<u>de</u> lhe oferecer) |
| (9) (a) O João convenceu a Maria <u>a</u> contar- lhe a verdade. | (*a lhe contar) |
| (b) O João impediu a Maria <u>de</u> contar- lhe a verdade. | (<u>de</u> lhe contar) |

Adverbiais

- (10) (a) O João saiu da sala a lamentar-se. (*a se lamentar)
 (b) O João hesitou muito, antes de contactá-la. (de a contactar)

1.1.2. As referências na literatura

Os casos particulares de colocação de clíticos em infinitivas¹ têm sido referidos e comentados em vários trabalhos sobre o Português (cf. Saïd Ali 1908, 1927; Epiphanyo, 1918; Dunn, 1928; Alvarez, 1996; Duarte, 2003a). Com um carácter essencialmente descritivo, estes trabalhos têm contribuído para a sistematização e documentação dos factos de variação apresentados na secção anterior sem, no entanto, proporcionarem uma explicação dos factores que possam estar na sua origem².

O panorama da literatura sobre o tema alterou-se recentemente com um trabalho de E. P. Raposo e J. Uriagereka sobre os clíticos do PE e do Galego (Raposo & Uriagereka, 2005), no qual se propõe uma análise global da colocação dos clíticos que dá conta da variação em infinitivas preposicionadas adverbiais. Para além da exclusão dos dados de variação em infinitivas preposicionadas subcategorizadas, a análise de Raposo & Uriagereka (2005) não considera igualmente a assimetria existente entre a preposição *a* e as restantes preposições (assimetria que, aliás, na linha da sua proposta, só poderia receber uma solução meramente estipulativa). Para além destas omissões, sendo esta análise da colocação dos clíticos uma análise de base essencialmente prosódica (que, por restrições de espaço, me é impossível aqui apresentar), nunca poderia explicar as conexões existentes entre a variação da colocação dos clíticos em infinitivas preposicionadas e outros fenómenos da sintaxe dos clíticos que procurarei evidenciar e motivar ao longo deste trabalho.

1.2. As variedades dialectais do PE**1.2.1. Os dados considerados**

Os dados considerados neste trabalho provêm do *Corpus Dialectal com Anotação Sintáctica (CORDIAL-SIN)*.

O *CORDIAL-SIN* é um *corpus* que vem a ser constituído desde 1999 e que reúne excertos de fala espontânea ou semi-dirigida, transcritos ortograficamente a partir de gravações de inquéritos dialectais realizados entre os anos 70 e os anos 90 pelo Grupo

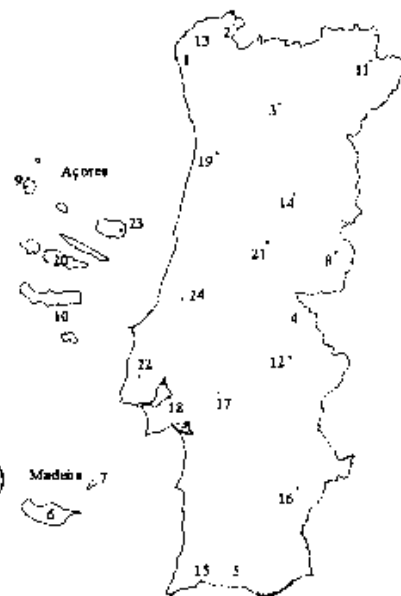
¹ A par das infinitivas afirmativas preposicionadas, as infinitivas negativas também apresentam variação na colocação dos clíticos.

² Dentro do conjunto de trabalhos referenciados, o trabalho de I. Duarte (Duarte, 2003a) constitui uma excepção ao caracterizar as preposições “atractoras de próclise” (por oposição à preposição *a*) como “palavras funcionais pesadas”. Contudo, a indefinição deste conceito não deixa claro o tipo de análise que a autora tem em mente. Por outro lado, não é igualmente explicitada a motivação para a variação entre ênclise e próclise com esse mesmo tipo de preposições.

de Estudos de Dialectologia do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, no âmbito de diversos projectos de atlas linguísticos³.

Para a realização deste trabalho, recolhi dados provenientes das 22 localidades (ou micro-regiões) do território português listadas abaixo:

- | | |
|--|--|
| 1 Vila Praia de Âncora (Minho) | 11 Outeiro (Trás-os-Montes) |
| 2 Castro Laboreiro (Trás-os-Montes) | 12 Cabeço de Vide (Alto Alentejo) |
| 3 Perafita (Trás-os-Montes) | 13 S. Lourenço, Bade e Arcos de Valdevez (Minho) |
| 4 Castelo de Vide, Porto da Espada, S. Salvador, Alpalhão e Nisa (Alto Alentejo) | 14 Figueiró (Beira Alta) |
| 5 Porches e Alte (Algarve) | 15 Alvor (Algarve) |
| 6 Câmara de Lobos e Caniçal (Madeira) | 16 Serpa (Baixo Alentejo) |
| 7 Porto Santo (Madeira) | 17 Lavre (Alto Alentejo) |
| 8 Monsanto (Beira-Baixa) | 18 Alcochete (Estremadura) |
| 9 Fajãzinha (Açores) | 19 Corvo (Beira Litoral) |
| 10 Ponta Garça (Açores) | 20 Bandeiras, Cais do Pico (Açores) |
| | 21 Porto de Vacas (Beira Baixa) |
| | 22 Enxara do Bispo (Estremadura) |



Mapa I: Variedades dialectais consideradas

Os “textos orais” correspondentes a estas 22 localidades resultam da transcrição de cerca de 34 horas de gravação de registo sonoro e contêm aproximadamente 395.000 palavras.

Neste sub-corpus do *CORDIAL-SIN* ocorrem 7877 pronomes clíticos, dos quais 622 correspondem àquilo que defini como objecto de estudo – clíticos associados a verbos infinitivos não-flexionados, pertencentes a orações infinitivas afirmativas preposicionadas.

1.2.2. Tendências observadas

A observação deste conjunto de dados começa por confirmar o que tem sido dito acerca destas construções sem recorrer a pesquisa em *corpora*, ou seja, confirma que as infinitivas afirmativas preposicionadas são um contexto de variação na colocação dos clíticos.

No entanto, a análise deste *corpus* revela que a distribuição próclise/ênclise nestes contextos não é, como parece à primeira vista, absolutamente livre. Pelo contrário, existem tendências muito claras na distribuição dos dois padrões de colocação, determinadas pelo elemento que encabeça as orações infinitivas⁴.

³ Para uma descrição pormenorizada das características e potencialidades deste *corpus*, bem como para consulta do *corpus* on-line, veja-se www.clul.ul.pt/sectores/cordialsin/projecto_cordial-sin.html

⁴ Estou convencida de que a pesquisa em qualquer outro *corpus* do PE (e não especificamente um *corpus* de variedades dialectais do PE, como é o caso do *CORDIAL-SIN*) conduziria aos mesmos resultados.

No Quadro I, abaixo, apresento os valores percentuais relativos à distribuição dos dois padrões de colocação, tendo em conta as diferentes preposições que introduzem as orações infinitivas.

	<i>a</i>	<i>em</i>	<i>de</i>	<i>para</i>	<i>por</i>	<i>sem</i>
próclise	4,5%	25%	90,2%	92,8%	100%	83,3%
ênclise	95,5%	75%	9,8%	7,2%	0%	16,7%

Quadro I: distribuição próclise/ênclise em infinitivas afirmativas preposicionadas (inf. não-flexionado)

Em primeiro lugar, estes valores indicam a existência de variação entre os dois tipos de colocação nas orações introduzidas pela maioria das preposições atestadas – *a*, *em*, *de*, *para* e *sem*. Dialectalmente, a preposição *a* fica, assim, incluída no grupo das preposições que admitem variação. A ausência de casos de ênclise com a preposição *por* não deve ser alvo de atenção pois, quase seguramente, se deve à insuficiente amplitude do meu *corpus*, como poderei confirmar futuramente através do alargamento da base empírica.

Em segundo lugar, estes valores demonstram que diferentes preposições promovem diferentes colocações, evidenciando a existência de configurações em que a ênclise é claramente o padrão de colocação preferencial e de configurações em que o padrão proclítico é nitidamente favorecido. No primeiro caso, contam-se as orações introduzidas por *a* e *em* à (esquerda no Quadro I); no segundo, as orações introduzidas por *de*, *para* ou *sem* (à direita no Quadro I).

Os exemplos (11) a (16) ilustram o tipo de variação identificada. À excepção do caso particular de *por* (já comentado acima), apresento, para cada uma das preposições atestadas, um exemplo de próclise (alínea (a)) e um exemplo de ênclise (alínea (b)).

Note-se que os dados em (11) e (14) são produzidos pelo mesmo informante, constituindo pois exemplos de variação idiolectal. A existência de casos de variação em infinitivas introduzidas por uma mesma preposição, no âmbito de uma mesma gramática é, aliás, frequente nos meus dados.

- (11) (a) Eu cheguei a **me** deitar ao mar. (Alvor, CORDIAL-SIN ALV25)
 (b) Faz mal ao organismo estar a cozê-**lo**. (Alvor, CORDIAL-SIN ALV33)
- (12) (a) Olhe dei em o cozer. (Perafita, CORDIAL-SIN PFT11)
 (b) A baleia dá em tombar-se de lado e a gente vê que está na hora de morrer. (Pico, CORDIAL-SIN PIC09)
- (13) (a) O animal via que não era capaz de **me** dar saída, voltou-se contra mim. (Cabeço de Vide, CORDIAL-SIN CBV73)
 (b) Cornos, isso é já mais prático de dizer-se mas é feio. (Alcochete, CORDIAL-SIN ALC23)
- (14) (a) A cilha tem duas fivelas e depois tem uma correia para se apertar. (Alcochete, CORDIAL-SIN ALC13)

- (b) Anda aí as que vendem a farinha para dar-se aos porcos. (Alcochete, CORDIAL-SIN ALC30)
- (15) (a) Ora, ficaram muito contentes por lhe amostrar a sua casa. (Pico, CORDIAL-SIN PIC19)
- (16) (a) Dizia que andava há não sei quantos dias sem se deitar. (Castro Laboreiro, CORDIAL-SIN CIL43)
- (b) A gente sempre tiveram ovelhas mas era sem amarrá-las. (Ponta Garça, CORDIAL-SIN MIG57)

O papel determinante desempenhado pelos introdutores de orações infinitivas em questões relativas à sintaxe dos clíticos não se esgota no paradigma observado.

Se em paralelo com os padrões de colocação do clítico no interior da infinitiva (próclise vs ênclise ao verbo infinitivo), se considerar, para o caso das infinitivas completivas verbais, os padrões de movimento do clítico (cliticização ao verbo infinitivo vs cliticização ao verbo matriz), verifica-se que estes mesmos elementos introdutores têm também um papel activo relativamente a este outro aspecto. Ou seja, a opção pela manutenção do clítico no interior do domínio infinitivo ou pela actualização da estratégia de Subida de Clítico (SC) depende igualmente da preposição que encabeça a oração infinitiva.

No Quadro II, apresento o apuramento dos valores percentuais relativos a esta nova questão⁵. Neste caso, indico apenas os valores apurados para as preposições *a* e *de*; estas são as preposições que mais vezes se encontram atestadas no *corpus* e, portanto, são aquelas em que as tendências identificadas são mais claramente visíveis.

	<i>a</i>	<i>de</i>
Não Subida de Clítico	31,2%	74,2%
Subida de Clítico	68,8%	25,8%

Quadro II: SC vs Não-SC em construções com infinitivas afirmativas preposicionadas subcategorizadas (inf. não-flexionado)

A avaliação conjunta dos valores apresentados nos dois quadros faz concluir que existe um alinhamento sistemático entre os contextos que favorecem ênclise nas infinitivas e induzem SC, por um lado, e aqueles que favorecem próclise nas infinitivas e bloqueiam a SC, por outro. Assim, por exemplo, com a preposição *a*, quando o clítico se mantém no domínio infinitivo, encontra-se geralmente enclítico ao verbo infinitivo (cf. Quadro I), quando se trata de comparar o número de casos de SC vs o número de casos de Não-SC com esta mesma preposição, a SC é nitidamente a opção preferencial (cf. Quadro II). Com a preposição *de*, o cenário é exactamente o inverso: próclise no interior do domínio infinitivo e preferência por Não-SC.

⁵ É de salientar que, para este levantamento, tive em conta exclusivamente as construções passíveis de desencadear SC, ou seja, as estruturas de Elevação de Sujeito ou de Controlo de Sujeito, o que corresponde a um universo de 388 frases.

Em (17) e (18) apresento exemplos de SC e de Não-SC com ênclise, com as duas preposições consideradas. Cada par de exemplos é produzido pelo mesmo informante.

Estes dados são relevantes por mostrarem que uma gramática que dispõe de SC com uma dada preposição tem a opção de colocar o clítico em ênclise com essa mesma preposição nos casos em que, por alguma razão, a estratégia de SC não opera (nomeadamente, por a infinitiva ser subcategorizada por um adjectivo (17b) ou por um verbo matriz que não é um verbo de SC (18b)).

- (17) (a) Mas, olha, estás-lhe a CHAMAR sapato e era uma bota. (Castro Laboreiro, CORDIAL-SIN CTL20)
 (b) Ele era obrigado a dedicar-se aos animais. (Castro Laboreiro, CORDIAL-SIN CTL08)
- (18) (a) Que ele havia-se de TER um salva-vidas com quarenta cavalos para ir ajudar a gente. (Alvor, CORDIAL-SIN ALV04)
 (b) [*INQ* As garças-reais devem ser muito bonitas...]
 São. Muito grandes. E proibem de apanhá-las. Que ele são muito 'úteis'!
 (Alvor, CORDIAL-SIN ALV32)

2. Análise – a diferente natureza dos introdutores de infinitivas

A análise que proponho neste trabalho baseia-se na ideia de que os elementos que introduzem as orações infinitivas podem ter diferentes estatutos. A exploração desta hipótese leva-me a concluir que as infinitivas afirmativas preposicionadas que exibem padrões de colocação clítica distintos estão associadas a diferentes estruturas, determinadas por diferentes propriedades dos elementos que as encabeçam.

2.1. Pressupostos

No desenvolvimento e exposição da proposta de análise assumo pressupostos que adopto de diferentes trabalhos, conforme a seguir explicito:

a) A análise da colocação dos clíticos de Costa & Martins (2003, 2004)

Em resumo, esta análise assenta nas seguintes premissas:

- (i) a estrutura frásica íntegra, no sistema de IP, uma categoria funcional forte – a categoria Σ – responsável pela codificação de aspectos relativos a polaridade e ênfase;
- (ii) a negação ou os operadores desencadeadores de próclise ou lexicalizam Σ ou permitem que Σ seja legitimado pela sua relação com C;
- (iii) os clíticos adjudgem-se à esquerda do núcleo funcional mais alto atingido por movimento do verbo;
- (iv) o mecanismo de fusão morfológica (*Local Dislocation Merger*) opera sob adjacência estrita pós-sintacticamente.

A estrutura simplificada em (19) representa uma fase da derivação em que verbo e clítico estão já adjuntos a T:

(19) [Subj [Σ P Σ [TP [T cl] [T V_{INF}+T]]] ...

Segundo os autores desta proposta, partindo deste ponto da derivação, existem duas possibilidades:

- (i) a categoria Σ está lexicalizada e, nesse caso, obtém-se directamente **próclise**;
- (ii) a categoria Σ não tem conteúdo lexical (nem é legitimada pela sua relação com C) e, nesse caso, tem de ser legitimada através de fusão morfológica com o verbo, o que implica haver inversão clítico-verbo, processo que terá como resultado a obtenção de **ênclise**.

b) Alguns aspectos das propostas de Martins (1995/2000), Roberts (1997) e Gonçalves (1999) relativos ao fenómeno de Subida de Clítico

Com Martins (1995/2000), assumo que:

- (i) “unless lexical requirements (s-selection or l-selection) make it necessary that CP be projected, infinitival clauses are IPs, not CPs. Their IP status is imposed by a Principle of Economy of Representation.” (Martins, 2000: 175)⁶;
- (ii) os verbos de Controlo/Elevação de Sujeito podem tomar como complemento IPs plenos (=ΣPs) ou IPs funcionalmente defectivos (=TPs)⁷;
- (iii) o estatuto alternativo dos complementos infinitivos é determinado pelas propriedades de selecção semântica (e não de selecção categorial) dos verbos de Elevação/Controlo de Sujeito; a selecção semântica de verbos pertencentes a estas classes poderá ser especificada ou subespecificada; no primeiro caso, o domínio projectado é um ΣP; no segundo caso, o domínio projectado é um TP⁸;

⁶ Na base desta afirmação encontram-se diversos trabalhos acerca da não universalidade das categorias funcionais e das condições de economia sobre as representações (entre outros, Chomsky, 1991; Law, 1991; Grimshaw, 1993; Safir, 1993; Speas, 1994; Thráinsson, 1996; Bošković, 1997). Para uma apresentação detalhada destes trabalhos, veja-se Gonçalves (1999: 181-188).

⁷ A dupla alternativa é possibilitada pela divisão Pollockiana de IP (Pollock, 1989). Note-se, no entanto, que eu não estou a adoptar uma estrutura funcional que inclua AgrS (Chomsky, 1995). Neste ponto, afasto-me de Martins (1995/2000) e aproximo-me de Martins & Costa (2003, 2004), ou seja, assumo uma estrutura frásica em que ΣP domina imediatamente TP.

⁸ Esta proposta de Martins (1995/2000) – filiada na ideia de Pesetsky (1982, 1992) de que a selecção categorial não constitui um mecanismo sintáctico independente – resulta da observação do comportamento de verbos pertencentes às classes de Elevação/Controlo de Sujeito, relativamente ao fenómeno de SC. A verificação da não-uniformidade de comportamento de verbos pertencentes à mesma classe dentro da mesma língua, por um lado, e da não-uniformidade de comportamento por parte dos mesmos verbos em diferentes línguas românicas (que, no entanto, respondem uniformemente a vários testes sintácticos), por outro, sugere que o fenómeno de SC esteja relacionado com propriedades idiossincráticas de certos itens lexicais, propriedades essas mais facilmente vinculáveis a questões de selecção semântica.

- (iv) a selecção de um domínio infinitivo funcionalmente defectivo (=TP) desencadeia um processo de reestruturação;

Com Roberts (1997) e Gonçalves (1999) assumo que:

- (i) a SC é um dos fenómenos que se manifestam em configurações de reestruturação, possibilitado pelos efeitos de transparência resultantes desse processo (Rizzi, 1982; Burzio, 1986);
- (ii) o processo de reestruturação consiste na subida de T_{INF} (+ V_{INF}) para T_{MAT} ⁹, o que origina a criação de uma única projecção alargada para a frase matriz e a infinitiva, ou seja, as projecções funcionais da frase matriz tornar-se-ão parte da projecção alargada de V_{INF} (Grimshaw, 1991);
- (iii) o movimento nuclear é movimento por cópia (Chomsky 1993, 1995);
- (iv) existe uma condição de *Spell-Out* que estabelece que dois elementos morfo(fono)logicamente independentes não possam ser produzidos sob o mesmo núcleo; como consequência desta condição, em configurações de reestruturação, V_{MAT} e V_{INF} serão produzidos em posições distintas¹⁰;

c) As condições sobre produção de cópias, definidas em Nunes (1995, 1999, 2004) e Bošković & Nunes (em preparação)

No âmbito da teoria do movimento por cópia, o tema das condições que determinam a produção de cópias é complexo e imbricado, entrando em linha de conta com diversos requisitos de convergência e princípios de economia. Assim, no presente contexto, refiro apenas os aspectos necessários à construção da minha proposta, concretamente:

- (i) a produção de cópias que não correspondam à cabeça de uma cadeia pode ser motivada por condições de PF – *Pronounce Lower Copy (PLC)*: “a chain is pronounced in the head position, with lower members deleted in PF, unless pronunciation in the head position would lead to a PF violation. If and only if the violation can be avoided by pronouncing a lower member of the chain, the lower member is pronounced and the head of the chain is deleted.” (Bošković & Nunes (em preparação: 3-4));
- (ii) a operação de verificação de traços formais faz com que estes se tornem invisíveis em PF (tal como em LF, seguindo Chomsky (1995)); traços formais não verificados são ininterpretáveis em PF e terão de ser apagados para que a derivação convirja;

⁹ Roberts (1997) discute se o alvo do movimento de T_{INF} é T_{MAT} ou V_{MAT} . Conclui, no entanto, que as duas hipóteses conduzirão ao mesmo resultado uma vez que V_{MAT} sobe, ele próprio, para T_{MAT} .

¹⁰ A manutenção de marcas flexionais independentes nas duas formas verbais, bem como a possibilidade de ocorrência de material lexical diverso entre os dois verbos, constitui evidência empírica para a produção de V_{MAT} e V_{INF} em posições distintas. Para uma discussão detalhada desta questão, veja-se Gonçalves (1999: 157-168).

- (iii) a operação de apagamento de traços formais não verificados – *Formal Feature Elimination (FFE)* – obedece a princípios gerais de economia: apague-se o menor número de traços possível¹¹;

d) Os trabalhos que exploram as afinidades entre P e C

Finalmente, tomarei, como background teórico relevante, os diversos trabalhos que tratam a afinidade existente entre a classe das preposições e a dos complementadores (cf. Kayne 1994, 1999/2000; Emonds, 1995; Dubinsky & Williams, 1995; Pesetsky & Torrego, 2001, 2004; Rafel, 2001; Duarte, 2003b; Duarte, Gonçalves & Miguel, este volume)¹².

2.2. Proposta

Como referi no início desta secção, a minha proposta assenta na ideia de os elementos introdutores das orações infinitivas afirmativas preposicionadas poderem ter diferente estatuto categorial. No desenvolvimento desta ideia, estabeleço, concretamente, as seguintes hipóteses:

- (i) as preposições que favorecem a SC e induzem ênclise são verdadeiras preposições (núcleos de PPs); as preposições que inibem a SC e induzem próclise são complementadores (núcleos de CPs);
- (ii) as preposições do primeiro tipo – verdadeiras preposições – são compatíveis com diferentes tipos de complementos; as preposições do segundo tipo – na verdade, complementadores – têm propriedades de selecção homogéneas¹³;

↓

as verdadeiras preposições podem ser compostas com IPs plenos (=ΣPs) ou com IPs defectivos (=TPs); os complementadores têm necessariamente IPs plenos como complemento (=ΣPs);

- (ii) uma gramática individual pode dispor duma dupla entrada lexical para cada um dos elementos pertencentes à classe tradicional das ‘preposições’: uma entrada como preposição e uma entrada como complementador:

¹¹ Note-se que, em princípio, a preferência pela produção de cópias mais altas é justificada por *FFE*, pois, uma vez que, em termos minimalistas, o movimento é motivado por necessidade de verificação de traços, então, uma cópia mais alta terá mais traços verificados do que as suas correspondentes mais baixas. Mostrarei, no entanto, que nem sempre é este o caso.

¹² Estes trabalhos, embora caminhem no mesmo sentido, apontam diferentes hipóteses de implementação: fusão das duas categorias, processos de reanálise/recategorização, questões de subespecificação categorial, ambiguidade categorial/bicategorização, etc..

¹³ Esta hipótese está de acordo com o trabalho de Haider (2001) que mostra o contraste existente entre categorias lexicais e funcionais relativamente ao grau de rigidez quanto ao tipo e número de constituintes com que são compostas. Note-se que, para além da construção específica que aqui me ocupa, uma preposição pode ser composta com constituintes de outras categorias, nomeadamente com DPs ou com CPs finitos.

$$(20) \quad a, em, de, para, por, sem \begin{cases} P [_ \{ \Sigma P / TP / \dots \}] \\ C [_ \Sigma P] \end{cases}$$

Vejamos, então, como é que os diferentes tipos de dados observados resultam da interacção destes factores (tendo simultaneamente em conta os pressupostos enumerados na secção 2.1.). Começemos pelas infinitivas preposicionadas subcategorizadas e centremo-nos, em primeiro lugar, nos casos em que o clítico se mantém no interior do domínio infinitivo, ou seja, nos casos de Não-SC. O que está, por agora, em causa é, pois, a variação entre ênclise e próclise ao infinitivo.

Suponhamos que o verbo matriz (ou o nome/adjectivo da oração matriz) l-selecciona um certo item da classe das 'preposições'. Digamos que selecciona *de*. Havendo duas entradas lexicais para *de* ($de = P$; $de = C$), uma delas é seleccionada (livremente), conduzindo a dois hipotéticos cenários:

Cenário A – selecção de $de = P$

Neste cenário, e seguindo Costa & Martins (2003, 2004), o resultado, em termos de colocação do clítico, será sempre a ênclise: Σ não tem conteúdo lexical, nem pode ser legitimada pela sua relação com C (C não é projectado), e a ênclise é derivada na componente morfológica, através do processo de fusão morfológica com inversão.

De acordo com esta hipótese, as frases com ênclise teriam a estrutura (simplificada) apresentada em (21), com a preposição *de* a ocupar o núcleo de PP:

$$(21) \quad V_{MAT} [PP \textit{ de} [_{\Sigma} \Sigma [TP [T \textit{ cl} [T V_{INF+T}]]] \dots$$

Cenário B – selecção de $de = C$

Seguindo mais uma vez Costa & Martins (2003, 2004), a próclise é, neste cenário, o único resultado esperável: C tem conteúdo lexical, logo, pode legitimar Σ .

As frases com próclise teriam, assim, a estrutura (simplificada) apresentada em (22), com a preposição *de* a ocupar o núcleo de CP¹⁴:

$$(22) \quad V_{MAT} [CP \textit{ de} [_{\Sigma} \Sigma [TP [T \textit{ cl} [T V_{INF+T}]]] \dots$$

A projecção de domínios infinitivos com estruturas diferenciadas, resultante da selecção alternativa de elementos homófonos com duplo estatuto categorial, parece arrumar a questão da variação entre ênclise e próclise em construções deste tipo.

Esta hipótese parece-me ter como vantagem imediata a aproximação da derivação da próclise em infinitivas afirmativas preposicionadas e em completivas finitas: em ambos os casos a próclise é o resultado da legitimação de Σ por um C com conteúdo lexical.

¹⁴ Note-se que, nas frases com próclise, a infinitiva corresponde a um CP e não a um IP. No entanto, e de acordo com o que tomei como pressuposto (cf. secção 2.1.), o estatuto categorial da infinitiva decorre do facto de, nestes casos, o verbo l-seleccionar um item da classe das 'preposições' codificado como C.

Por outro lado, a atribuição de diferentes categorias aos mesmos elementos permite reduzir a variação observada nos dados dialectais a um caso de ambiguidade lexical. Assim, estou a assumir que, uma gramática que apresente variação na colocação dos clíticos num mesmo contexto, ou seja, em infinitivas introduzidas por um mesmo elemento, disponha de uma dupla entrada lexical para esse mesmo elemento: uma como preposição e outra como complementador, como exemplifico em (20).

Olhemos então, agora, para os padrões de movimento do clítico, ou seja, para a oposição entre os casos em que o clítico sai do domínio infinitivo e toma como hospedeiro o verbo matriz (casos de SC) e os casos em que o clítico se mantém no domínio infinitivo, cliticizando ao verbo infinitivo (casos de Não-SC). Recorde-se que o trabalho de pesquisa nos dados do *CORDIAL-SIN* permitiu verificar a existência de um alinhamento sistemático entre os contextos que favorecem ênclise nas infinitivas e induzem SC, por um lado, e aqueles que favorecem próclise nas infinitivas e bloqueiam a SC, por outro.

Se a explicação que proponho para a colocação do clítico em infinitivas for verdadeira, ou seja, se a variação ênclise/próclise for determinada pela possível alternância entre preposição/complementador, então, essa mesma alternância terá de ser responsável por (ou pelo menos, compatível com) a opção entre cliticização ao verbo matriz (SC) e cliticização ao infinitivo (Não-SC). Na verdade, assim parece acontecer.

A constatação de que não pode haver movimento do clítico a partir de um domínio sintáctico que corresponda a um CP (ou, pelo menos, a um CP com C lexical) é transversal à grande maioria dos trabalhos que tratam o fenómeno de SC. Na base desse reconhecimento está a agramaticalidade de frases com extracção de clíticos a partir de domínios finitos (consensualmente CPs):

- (23) (a) O João quer telefonar-lhe.
 (b) O João quer-lhe telefonar.
 (24) (a) O João quer que a Maria lhe telefone.
 (b) * O João quer-lhe que a Maria telefone.

Assim sendo, é fácil entender a coincidência existente entre contextos de próclise ao infinitivo e contextos de Não-SC. Conforme demonstrei acima, a próclise ao infinitivo é derivada nos casos em que o verbo matriz l-selecciona um introdutor da infinitiva codificado como C. Nestas condições, e de acordo com os meus pressupostos (cf. nota 14), C é inevitavelmente projectado e o domínio infinitivo é concomitantemente um CP – domínio a partir do qual a extracção do clítico é bloqueada.

Por seu lado, a coincidência entre contextos de ênclise ao infinitivo e contextos de SC é menos imediata. Nos casos em que o verbo matriz l-selecciona um introdutor da infinitiva codificado como P, C não é projectado e o domínio infinitivo é necessariamente um IP. Recorde-se, no entanto, que o tipo de IP é igualmente determinado pelo verbo matriz, de acordo com as suas propriedades de selecção semântica. Assim, quando o verbo matriz s-selecciona um IP pleno (=ΣP), a ênclise ao infinitivo é derivada, nos moldes que apresentei acima. Quando, alternativamente, o verbo matriz

s-selecciona um IP funcionalmente defectivo (=TP), o processo de reestruturação opera, manifestando-se os efeitos que lhe são característicos, nomeadamente, a SC.

Vejamos concretamente como se deriva a SC a partir de uma estrutura como (25):

(25) V_{MAT} [_{PP} P [_{TP} [_{TINF} V_{INF} T_{INF}]]]... cl ...

➤ V_{MAT} e T_{INF} (em conjunto com V_{INF}) sobem para T_{MAT} , originando (26):

(26) [_{TMAT} [_{TINF} V_{INF} T_{INF}]]^j [_{TMAT} V_{MAT} ⁱ T_{MAT}]]... V_{MAT} ⁱ... [_{TINF} V_{INF} T_{INF}]]^j... cl

➤ clítico sobe para T_{MAT} (T_{MAT} é, agora, o núcleo funcional mais alto atingido por movimento de V_{INF}), originando (27):

(27) [_{TMAT} cl^K [_{TMAT} [_{TINF} V_{INF} T_{INF}]]^j [_{TMAT} V_{MAT} ⁱ T_{MAT}]]]... V_{MAT} ⁱ
... [_{TINF} V_{INF} T_{INF}]]^j... cl^K...

Devido à condição de *Spell-Out* definida por Roberts (1997), V_{MAT} e V_{INF} não podem ser ambos produzidos sob T_{MAT} , uma vez que são elementos morfo(fono)logicamente independentes. O clítico, no entanto, não está sujeito a este filtro, pois é, por excelência, um elemento morfo(fono)logicamente dependente.

Assim, e de acordo com as condições sobre produção de cópias que tomei como pressuposto, chegar-se-á à seguinte versão dos factos:

- (i) V_{MAT} e clítico serão produzidos em T_{MAT} : as cópias produzidas correspondem à cabeça de cada uma das cadeias;
- (ii) V_{INF} será produzido em T_{INF} (dentro do domínio infinitivo): a cópia produzida não corresponde à cabeça da cadeia mas esta opção evita a violação de uma condição de PF e, portanto, está em conformidade com *PLC*. Para além disto, a produção desta cópia de V_{INF} não implica mais custos em termos de apagamento de traços formais, uma vez que V_{INF} tem os seus traços verificados nesta posição: o movimento de V_{INF} para T_{MAT} não é motivado por necessidade de verificação de traços mas para evitar que o movimento de T_{INF} para T_{MAT} se realize por excorporação.

Note-se ainda que, de acordo com os meus pressupostos, as restantes cópias de V_{INF} (que omiti das estruturas apresentadas para facilitar a sua leitura), não poderiam ser produzidas: a produção de V_{INF} na sua posição básica levaria à violação do princípio *FFE*, uma vez que, nesta posição, V_{INF} não teria os seus traços formais verificados; a produção de V_{INF} sob P levaria à violação de uma condição de PF, uma vez que V_{INF} e P são elementos morfo(fono)logicamente independentes.

Em (28), repito a estrutura apresentada em (27), assinalando a *bold* as cópias produzidas:

$$(28) [{}_{T_{MAT}} \mathbf{cl}^K [{}_{T_{MAT}} [{}_{T_{INF}} \mathbf{V}_{INF} T_{INF}]^j [{}_{T_{MAT}} \mathbf{V}_{MAT}^i T_{MAT}]]] \dots \mathbf{V}_{MAT}^i \\ \dots [{}_{T_{INF}} \mathbf{V}_{INF} T_{INF}]^j \dots \mathbf{cl}^K \dots$$

3. Conclusões – síntese

O estudo desenvolvido e apresentado neste trabalho permite estabelecer os seguintes pontos:

- (i) a distribuição dos padrões de colocação de clíticos em infinitivas afirmativas preposicionadas (com infinitivo não-flexionado) é determinada pela preposição que introduz a oração – em termos de frequência, existem preposições favorecedoras de ênclise e preposições favorecedoras de próclise;
- (ii) a distribuição dos padrões de movimento do clítico (cliticização ao verbo infinitivo vs cliticização ao verbo matriz), em infinitivas preposicionadas subcategorizadas, depende igualmente da preposição que introduz a oração – existem preposições indutoras de SC e preposições bloqueadoras de SC;
- (iii) existe um alinhamento entre as preposições que favorecem ênclise e induzem SC e as que favorecem próclise e bloqueiam SC;

Com base neste tipo de evidência empírica proponho que:

- (i) os dois tipos de ‘preposições’ identificados sejam elementos de diferente natureza – elementos homófonos com diferente estatuto categorial, diferentes propriedades de subcategorização e que ocupam diferentes posições estruturais;
- (ii) a variação na colocação dos clíticos no âmbito de uma gramática individual decorra da possibilidade de cada um desses elementos poder ter uma dupla entrada lexical;

Referências Bibliográficas

- ÁLVAREZ, R. (1996) Gramática contrastiva do português e o galego: a posición do pronome átono en oracións de infinitivo e xerundio. *Actas do I Congresso Internacional. A lingua galega: historia e actualidade*. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega/Universidade de Santiago de Compostela.
- BOŠKOVIĆ, Ž. (1997) *The Syntax of Nonfinite Complementation. An Economy Approach*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- BOŠKOVIĆ, Ž. & J. Nunes (em preparação) *The copy theory of movement: A view from PF*. Ms.
- BURZIO, L. (1986) *Italian Syntax*. Dordrecht: Kluwer.
- CHOMSKY, N. (1991) Some notes on economy of derivation and representation. In R. Freidin (org.) *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, pp. 417-454 (reimpresso como cap 2 de Chomsky 1995).

- CHOMSKY, N. (1993) A Minimalist Program for Linguistic Theory. In K. Halle & S. J. Keyser (eds.) *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, pp. 1-52 (reimpresso como cap 3 de Chomsky 1995).
- CHOMSKY, N. (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge/Massachusetts: The MIT Press.
- COSTA, J. & A. M. Martins (2003) Clitic placement across grammar components. Comunicação apresentada em *Going Romance*. Novembro 2003. Nijmegen University.
- COSTA, J. & A. M. Martins (2004) What is a strong functional head?. Comunicação apresentada no *Lisbon Workshop on Alternative Views on the Functional Domain*. Julho 2004. Universidade Nova de Lisboa.
- DUARTE, I. (2003a) Padrões de colocação dos pronomes clíticos. In M. H. Mateus *et alii* (orgs.) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 847-867.
- DUARTE, I. (2003b) Subordinação completiva – as orações completivas. In M. H. Mateus *et alii* (orgs.) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 593-651.
- DUARTE, I., A. Gonçalves & M. Miguel (2005) Propriedades de C em frases completivas. *Actas do XX Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL.
- DUBINSKY, S. & K. Williams (1995) Recategorization of Prepositions as Complementizers: The Case of Temporal Prepositions in English. *Linguistic Inquiry* 26 (1), pp. 125-137.
- DUNN, J. (1928) *A Grammar of the Portuguese Language*. Washington: National Capital Press.
- EMONDS, J. (1985) *A Unified Theory of Syntactic Categories*. Dordrecht: Foris.
- EPIPHANIO Silva Dias, A. (1918) *Syntaxe Histórica Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora. 1933 (2ª ed.).
- GONÇALVES, A. (1999) *Predicados Complexos Verbais em Contextos de Infinitivo não Preposicionado*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- GRIMSHAW, J. (1991) *Extended projection*. Ms., Linguistics and Cognitive Science Program. Brandeis University, Waltham, Mass.
- GRIMSHAW, J. (1993) Minimal projection heads and optimality. Rutgers University Center for Cognitive Science. Report 4 (reimpresso em 1997 *Linguistic Inquiry* 28 (3)).
- HAIDER, H. (2001) Heads and selection. In N. Corver & H. van Riemsdijk (eds.) *Semi-lexical Categories*. Berlin/Newyork: Mouton de Gruyter, pp. 67-96.
- KAYNE, R. (1994) *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, Mass. & London: MIT Press.
- KAYNE, R. (1999) Prepositional complementizers as attractors. *Probus* 11 (1), pp. 39-73 (reimpresso como cap. 14 de Kayne, R. (2000) *Universals and Parameters*. Oxford: Oxford University Press).
- LAW, P. (1991) *Effects of Head Movement on Theories of Subjacency and Proper Government*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- MARTINS, A. M. (1995) A minimalist approach to clitic climbing. *Proceedings of CLS 31: Parasession on Clitics*. Stanford University, pp. 215-233.

- MARTINS, A. M. (2000) A minimalist approach to clitic climbing. In J. Costa (org.) *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford: Oxford University Press, pp. 169-190.
- NUNES, J. (1995) *The Copy Theory of Movement and Linearization of Chains in the Minimalist Program*. Ph. D. Dissertation, University of Maryland, College Park.
- NUNES, J. (1999) Linearization of chains and phonetic realization of chain links. In S. Epstein & N. Hornstein (eds.) *Working minimalism*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, pp. 217-249.
- NUNES, J. (2004) *Linearization of Chains and Sideward Movement*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- PESETSKY, D. (1982) *Paths and Categories*. Ph.D. Dissertation, MIT.
- PESETSKY, D. (1992) Zero Syntax. Ms., MIT. (versão de Pesetsky, D. (1995) *Zero Syntax. Experiencers and Cascades*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press; e de Pesetsky, D. (em preparação). *Zero Syntax II: An Essay on Infinitives*).
- PESETSKY, D. & E. Torrego (2001) T-to-C movement: causes and consequences. In M. Kenstowicz (ed.) *Ken Hale: A Life In Language*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, pp. 355-426.
- PESETSKY, D. & E. Torrego (2004) Tense, Case and the nature of syntactic categories. In J. Guerón & J. Lecarme (eds.) *The Syntax of Time*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, pp. 495-538.
- POLLOCK, J-Y. (1989) Verb movement, universal grammar and the structure of IP. *Linguistic Inquiry* 20 (3), pp. 365-424.
- RAFEL, J. (2001) As for *as/for*, they are semi-lexical heads. In N. Corver & H. van Riemsdijk (eds.) *Semi-lexical Categories*. Berlin/Newyork: Mouton de Gruyter, pp. 475-503.
- RAPOSO, E. P. & J. Uriagereka (2005) Clitic placement in western iberian: a minimalist view. In G. Cinque & R. Kayne (orgs.) *Handbook of Comparative Syntax*. Oxford: Oxford University Press, pp. 639-697.
- RIZZI, L. (1982) *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Foris.
- ROBERTS, I. (1997) Restructuring, head movement, and locality. *Linguistic Inquiry* 28 (3), pp. 423-460.
- SAFIR, K. (1993) Perception, selection and structural economy. *Natural Language Semantics* 2, pp. 47-70.
- SAID Ali, M. (1908) *Dificuldades da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Académica. 1966 (6ª ed.).
- SAID Ali, M. (1927) *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos. 1965 (6ª ed.).
- SPEAS, M. (1994) Null arguments in a theory of economy of projection. In *Functional Projections*. University of Massachusetts Occasional Papers 17. GLSA, University of Massachusetts.
- THRÁINSSON, H. (1996) On the (non-)universality of functional categories. In W. Abraham, S. Epstein, H. Thráinsson & C. Zwart (eds.) *Minimal Ideas: Syntactic Studies in the Minimalist Framework*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 113-139.